

A INVENÇÃO DO

SIM

E DO

NÃO

**Jorge Queiroz**  
Curadoria Natxo Checa

*Mas faz algum sentido?,* perguntava o Natxo enquanto fíntávamos turistas no passeio do Largo do Calhariz. Era o pingo da tarde e seguíamos em direcção à pastelaria Orion, eu sempre dois passos atrás dele, já sem dúvidas nenhuma de que quanto mais eu o acompanho, mais rápido ele anda. Como se não soubesse de cor que havia duas passadeiras a menos de cinco metros de distância, o Natxo lançou-se sem olhar para o meio da estrada enquanto balbuciava algo que não cheguei a entender. Imbuído do mais puro espírito do seguidismo acrítico, lancei-me também eu no seu encalço. Levei a mão à testa como quem faz uma pala, olhei para a esquerda como a minha mãe me ensinou, e ao segundo passo esbarrei-lhe nas costas. Parado no ponto zenital da Calçada do Combro, frente à Bica de Duarte Belo, os braços caídos ao longo do tronco, um cigarro por acender na mão direita e um esgar encandeado na cara, o Natxo: *Olha só – o Tejo e esta luz... Incrível!*

Até entrarmos na Orion não consegui ouvir absolutamente mais nada do que ele disse. Fosse pelos dois passos que nos distanciavam, fosse pelo absurdo volume a que frases nos mais variados idiomas eram disparadas à nossa volta, só voltei a percebê-lo distintamente já dentro da pastelaria. *Para mim, não faz sentido. É só chato!* Desculpei-me alegando que não tinha ouvido nada por causa dos turistas e do quão ofensivos me pareciam os calções de safari que todos eles resolveram começar a vestir. *Estava a dizer que escrever mais um texto sobre o Jorge que repise aquela perspectiva surrealista e não sei que não faz sentido nenhum! Há milhentos, já! Esgotou!* Hesitei em concordar, pensando se não teria eu próprio, há uns anos atrás, contribuído para essa escola de pensamento pseudo-surrealista que supostamente se cristalizara em torno da obra do Jorge... Enquanto esperávamos pelos abatanados, e para testar a teoria, decidimos fazer uma pesquisa de conceitos/temas num conjunto de textos críticos que tínhamos compilado num mesmo documento word como parte da nossa pesquisa:

surreal (e relacionados): 26 ocorrências;

simbolista (e relacionados): 4 ocorrências;

fantasia ou fantástico: 7 ocorrências;

ambíguo: 12 ocorrências;

inconsciente ou subconsciente: 5 ocorrências;

sonho: 18 ocorrências;

livre associação: 4 ocorrências;

sobreposição ou justaposição: 5 ocorrências

narrativa (e não-narrativa): 6 ocorrências;

metamorfose e idiossincrático: ambas com 8 ocorrências;

teatro: 2 ocorrências;

tensão: 3 ocorrências;

estilhaço, abismo, chuva, sombra, cavalo e caverna:  
todos com 1 ocorrência.

Era agora ainda mais difícil contrariar o argumento do Natxo. Talvez tivesse mesmo razão. Pedi um queque com passas enquanto meditava no que significaria para um artista dar-se conta de que, ainda que inadvertidamente, um conjunto de pessoas havia urdido uma muito estreita teia discursiva capaz de limitar o alcance simbólico do seu trabalho. Lembrei-me que, embora a minha perspectiva nunca tivesse andado longe desta corrente de pensamento pró-surrealista, sempre que reencontrava a obra do Jorge ficava um pouco mais convencido de que a questão talvez se jogasse menos no plano da mente e da memória, do que no plano do corpo. Há não muito tempo, esta ideia tornou-se ainda mais clara quando, por mero acaso, vi um TED Talk com o António Damásio intitulado “Em busca de entender a consciência.” Nele, o celebrado cientista falava do tronco cerebral – uma zona interior na base do cérebro – e de como é nessa área que se dão todas as trocas que determinam a interação entre ‘corpo físico’ e ‘corpo mental’, facto que levava o luso-americano a sugerir ser aquele o lugar de onde brota toda a consciência. Dito de outra forma, para Damásio a consciência do próprio – para a qual a capacidade de gerar e gerir imagens é determinante – é um produto do comércio entre os estímulos do corpo e as maquinações do cérebro, mediadas por aquele específico e estreito pedaço de massa cinzenta. Ele é de tal forma determinante que lesões em partes distintas da sua área podem levar ora à perda total da consciência mental, ora à da consciência corporal. Impressionante, de facto!

Isto significava que, ao contrário do que eu sempre havia pensado, a consciência e, por arrasto, a imaginação não eram simplesmente um fenómeno e uma faculdade governados pela memória e coadjuvados por um conjunto de narrativas

eminentemente visuais. A sua estrutura e o seu funcionamento não eram apenas susceptíveis de serem estimulados por químicos capazes de alterar a frequência, a qualidade ou a estrutura dos circuitos sinápticos. Ao que parecia, e segundo a proposta de Damásio, se o corpo e o cérebro contribuem em partes iguais para a criação da consciência e da imaginação, deve ser possível deduzir que eles podem contribuir, na mesma medida e com a mesma força, para a alteração dessas mesma consciência e imaginação. Se assim for, talvez se possa, então, resgatar a obra do Jorge da sombra de um contexto artístico tão absurdamente cheio da sua própria mitologia como é o surrealismo. Talvez se possa afastá-lo desse universo tão carregado de uma ideologia em manifesta erosão, tão contaminado por uma terminologia que extravasou o domínio artístico para significar, fora dele, tantas coisas, tão distintas e tão pouco claras. Talvez seja possível, por fim, substituir o peso do jugo psicanalítico que se abate sobre a generalidade deste tipo de expressões, com os seus propósitos revelatórios e terapêuticos, por algo bem menos ambicioso, mas não menos relevante – algo da ordem do jogo, da leve alucinação: uma espécie de febre.

Dei um golo no abatanado enquanto ponderava nesta hipótese de ter na febre, ou noutra qualquer fenómeno de alteração da homeostase, a origem da abstracção como a entendemos no campo das artes visuais. Se fosse, de facto, possível, matavam-se dois coelhos de uma cajadada só: afastava-se o trabalho do Jorge do determinismo surrealista e justificava-se a presença cada vez mais pungente da abstracção na sua pintura – algo de que os surrealistas sempre fugiram com rigor e escrúpulo. Todos aqueles gestos e todas aquelas manchas de tinta que, nas obras desta exposição, permeiam vislumbres de um qualquer referente... todas aquelas massas pictóricas que, revoltas, apagam o real, que o escondem, transmutam e dissolvem, encontravam, por fim, uma justificação plausível nesta outra ordem de coisas. Seriam como quando se tem um delírio febril e se vêem coisas que não se consegue nomear e se sabe de outro modo não poder imaginar: forças informes que engolem figuras vagas e coisas apenas sugeridas, transformando-as

em fluxos de sensações e intensidades – algo que lateja e se transfigura nesse latejar, uma respiração de lama e lava que recobre todo o espaço por onde passa...

Acordei desta minha divagação quando ouvi a palavra *Lago*. Lanchar com o Natxo é comer bolos com ele e com quem quer que esteja com ele ao telemóvel. Desta vez, era o próprio Jorge Queiroz e, pela cara fechada do Natxo, estariam ambos a concordar furiosamente que havia necessidade de criar uma alternativa à tentação de fazer um texto de catálogo, digamos, ortodoxo para esta exposição. *Absolutamente! Claro que sei quem é o Eduardo Lago: foi director do Instituto Cervantes em Nova Iorque, ganhou uma série de prémios literários...* (Pausa longa) *Do Enrique Juncosa, o comissário? Como é que chama a revista? Normal?... Não, não, é mesmo uma hipótese! Mas o ideal era convidá-lo a vir a Lisboa não só para ver a exposição, mas para estar em residência e criar um texto a partir da exposição. Não, claro, uma peça literária! Não queremos mesmo outro texto de catálogo! Sim, editamos no final da exposição! Huhumm... Certo. Liga tu, ou ligo eu?*

Bruno Marchand

#### ENTRADA

Sem Título, 2016  
Guache, lápis e aguarela sobre papel  
Coleção do artista

## PISO 1

4	5	8	9	12	13	15	16
3	6	7	11	10	14	18	17
1	2						

### Sala 1

1. *I Polaroided and I Still Have the Polaroid*, 2013  
Óleo e acrílico sobre tela  
Cortesia 3+1 Arte Contemporânea

2. Sem Título, 2008  
Pastel de óleo sobre papel  
Colecção do artista

### Sala 2

3. Sem Título, 2018  
Óleo e acrílico sobre tela  
Colecção do artista

4. *A Invenção do Sim*, 2010  
Óleo e acrílico sobre tela  
Colecção do artista

5. *O Caso de Coragem*, 2015  
Acrílico sobre tela  
Cortesia Galeria Nathalie Obadia

6. *O Caso do Silêncio*, 2015  
Acrílico sobre tela  
Cortesia Galeria Nathalie Obadia

### Sala 3

7. Sem Título, 2010  
Guache, carvão e grafite sobre papel  
Cortesia 3+1 Arte Contemporânea

8. Sem Título, 2010  
Guache e grafite sobre papel  
Coleção do artista

9. *Different Trains*, 2017  
Óleo e acrílico sobre tela  
Cortesia Galeria Nathalie Obadia

10. *Different Trains #2*, 2016  
Óleo e acrílico sobre tela  
Cortesia Galeria Nathalie Obadia

11. *Statues and Birds #2*, 2012  
Lápis, guache, tinta de vinil e postal  
3D sobre papel  
Coleção do artista

### Sala 4

12. Sem Título, 2008  
Tinta, lápis e acrílico sobre papel  
Coleção do artista

13. Sem Título, 2017  
Acrílico e óleo sobre tinta  
Cortesia Galeria Nathalie Obadia

14. *Different Trains #7*, 2016  
Óleo e acrílico sobre tela  
Cortesia Galeria Nathalie Obadia

### Sala 5

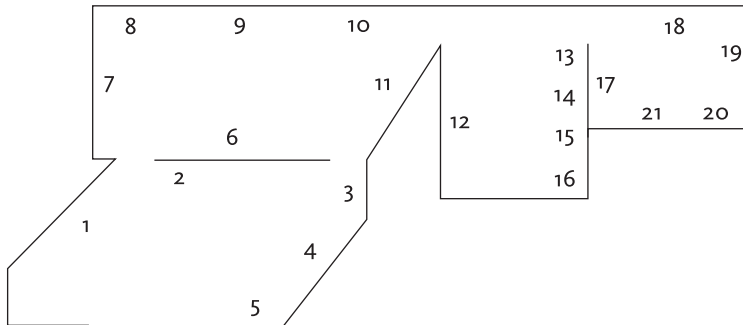
15. Sem Título, 2010  
Aguarela, guache, lápis, pastel,  
lápis de cor e caneta  
de tinta de china sobre papel  
Coleção do artista

16. Sem Título, 2017  
Pastel, óleo, lápis  
e acrílico sobre papel  
Cortesia Galeria Nathalie Obadia

17. Sem Título, 2014  
Pastel, guache de vinil  
e lápis sobre papel  
Cortesia Galeria Nathalie Obadia

18. Sem Título, 2010  
Pastel, aguarela  
e lápis de cor sobre papel  
Coleção do artista

## PISO 2



### Sala 1

1. Sem Título, 2018  
Óleo e acrílico sobre tela  
Coleção do artista
2. Sem Título, 2008  
Lápis de cor sobre papel  
Cortesia 3+1 Arte Contemporânea
3. Sem Título, 2012  
Guache, lápis de cor e gravura  
manière noir  
Coleção do artista
4. Sem título, 2011  
Lápis, pastel e tinta  
de vinil sobre papel  
Cortesia Galeria Nathalie Obadia
5. Sem Título, 2008  
Lápis sobre papel  
Coleção do artista

### Sala 2

6. *Le Cas Inverse*, 2015  
Acrílico sobre tela  
Cortesia Galeria Nathalie Obadia
7. Sem Título, 2010  
Guache, carvão e grafite sobre papel  
Coleção do artista
8. *Different Trains #1*, 2016  
Óleo e acrílico sobre tela  
Cortesia Galeria Nathalie Obadia
9. *Different Trains*, 2016  
Acrílico sobre tela  
Cortesia Galeria Nathalie Obadia
10. Sem Título, 2008  
Tinta japonesa, pastel de óleo, guache  
e lápis de cor sobre papel  
Coleção do artista
11. *Figura 1*, 2018  
Óleo e Acrílico sobre tela  
Coleção do artista



### Sala 3

12. Sem Título, 2017  
Pastel, óleo, lápis  
e acrílico sobre papel  
Cortesia Galeria Nathalie Obadia
13. Sem Título, 2008  
Guache, pastel de óleo,  
lápis de cor e tinta sobre papel  
Coleção do artista
14. Sem Título, 2008  
Acrílico, guache e lápis sobre papel  
Coleção do artista
15. Sem Título, 2008  
Guache, acrílico, aguarela  
e carvão sobre papel  
Coleção do artista
16. *Void*, 2012  
Lápis, guache, tinta  
e aguarela sobre papel  
Coleção do artista

### Sala 4

17. *Múltiplo*, 2014  
Óleo e acrílico sobre tela  
Coleção do artista
18. *Alphabet*, 2018  
Óleo e acrílico sobre tela  
Coleção do artista
19. Sem título, 2018  
Óleo e acrílico sobre tela  
Coleção do artista
20. Sem Título, 1998  
Óleo e acrílico sobre tela  
Coleção do artista
21. Desenho na parede, 2018  
Lápis de cor  
Coleção do artista

**A ZDB agradece a**  
3+1 arte contemporânea  
Galerie Nathalie Obadia

**Arquitetura de exposição e montagem**

Ananias Costa  
Antonin Blanchard  
Bruno Marchand  
Carlos Gaspar  
Cyril Reichenbach  
Hugo Bost  
Joana Leão  
João Nora  
Laurindo Marta  
Luís Julião  
Pedro Henriques  
Sambú Cassamá  
Tiago Baptista  
Tomé Coelho

**Folha de sala**

Texto Bruno Marchand  
Desenho Sílvia Prudêncio

**Galeria Zé dos Bois**

Rua da Barroca 59, 1200-047

[www.zedosbois.org](http://www.zedosbois.org)

**De 15 de Maio a 1 de Setembro de 2018**

A ZDB é financiada pela República Portuguesa – Cultura / Direção Geral das Artes.

A ZDB tem o apoio da C.M.L. e do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social

Jorge Queiroz nasceu em Lisboa, em 1966, onde atualmente vive e trabalha. Em 1991 iniciou os estudos no Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual, Lisboa, onde seguiu o Plano de Estudos Completo, em Pintura, e o Curso Avançado. Concluiu o Mestrado na School of Visual Arts (Master of Fine Arts) em Nova Iorque (1997–1999), onde residiu durante os seis anos que se seguiram, tendo-se posteriormente estabelecido em Berlim, no ano de 2004. Foi artista convidado do programa de Residências da Künstlerhaus Bethanien, Berlim (2004), Recollets, Paris (2007) e Civitella Ranieri. Foi finalista do prémio de desenho da Daniel & Florence Guerlain Contemporary Art Foundation, em 2009, e em 2015 foi vencedor do Prémio AICA de Artes Visuais pela exposição *O Caso*, realizada no Pavilhão Branco do Museu da Cidade, Lisboa. De entre as suas inúmeras exposições colectivas internacionais, destaque para a 50.<sup>a</sup> Bienal de Veneza (2003), a 26.<sup>a</sup> Bienal de São Paulo (2004), a 4.<sup>a</sup> Bienal de Arte Contemporânea de Berlim, Berlim (2006) e a Bienal de Rennes (2016). É representado actualmente pelas galerias Sikkema Jenkins, Nova Iorque, Nathalie Obadia, Paris e Bruxelas, e 3+1, Lisboa.